



Como o autismo está mudando o mundo para todos

| George Dvorsky | 26-07-2012 | io9 | Tradução de Argemiro Garcia |

Não há muita dúvida de que o autismo, junto com a Síndrome de Asperger, finalmente começa a ser aceito como uma parte normal da humanidade. Mesmo que algumas pessoas ainda a vejam como uma condição que precisa ser "tratada", é cada vez mais óbvio que as pessoas autistas estão encontrando maneiras de ter sucesso em nossa sociedade neurotípica.

Não só isso, mas as pessoas autistas estão mudando a natureza da nossa sociedade, em muitos aspectos para melhor.

A imagem acima retrata Stephen Wilshire, um artista plástico britânico que é diagnosticado autista. Ele é conhecido por sua habilidade por desenhar uma paisagem de memória com detalhes após apenas vê-la uma única vez.



Para entender melhor como o autismo tem impactado tão significativamente a cultura, falamos com dois especialistas sobre o assunto, Steve Silberman e Andrea Kuszewski. Silberman é editor colaborador do site [Wired](#) há muito tempo e atualmente trabalha em seu próximo livro, **Neurotribes: Thinking Smarter About People Who Think Differently** (*Neurotribos: Pensando inteligentemente as pessoas que pensam diferente*). Kuszewski é consultor, terapeuta comportamental para crianças autistas e especialista em encontrar estratégias alternativas de aprendizagem para as crianças superdotadas. Também conversei com outras pessoas cujas vidas foram tocadas pelo autismo.



ASSOCIAÇÃO DE FAMILIARES E AMIGOS DA GENTE AUTISTA

Em nossas conversas com Silberman e Kuszewski, ficou claro que o autismo tem desempenhado um papel significativo na elaboração de muito do que consideramos ser a cultura moderna - desde a música e os livros que lemos até os dispositivos tecnológicos que todos consideramos ótimos. Parece que a aceitação de formas radicalmente diferentes de pensar pode ser vista como parte de uma cultura global rica e diversificada.

Não do jeito que costumava ser

Hoje, conversar sobre autismo é normal, e a maioria de nós estamos familiarizados com o assunto mas, recentemente, há duas ou três décadas, as crianças do espectro eram impiedosamente ridicularizadas como *nerds* ou *geeks*. Embora hoje muitos considerem esses rótulos como pontos de orgulho, não era o caso na época, quando eram usados para humilhar, uma maneira de chamar as crianças que tinham na socialização um difícil desafio e que, ao mesmo tempo, exibiam um tipo de inteligência que as levava a se afastar das crianças "normais".

Um ponto de virada importante nesta história veio com o lançamento de *Rain Man*, em 1988 – um filme que tanto fez mal como bem. Se propagou equívocos, por outro lado fez que muitas pessoas se conscientizassem do autismo pela primeira vez. Enquanto pintava um retrato excessivamente grave da condição, *Rain Man* serviu como catalisador de uma grande mudança no entendimento dominante.



Na verdade, como Silberman diz, a maioria dos pediatras sequer tinha ouvido falar de autismo antes do lançamento do filme. Ele já foi visto como uma doença misteriosa que não merecia menção na maioria dos livros – mas que se pensava relacionar-se à esquizofrenia infantil.

"Depois de *Rain Man*, começamos a perceber que o autismo é comum e que a sociedade precisaria lidar com ele", disse Silberman. "Que teríamos de aceitar esse outro jeito de ser humano."

Mais de duas décadas depois, a paisagem sócio-cultural em torno do autismo mudou. A aceitação crescente da neurodiversidade tem representado um ajuste cultural seminal no início do século 21.

Na verdade, como Kuszewski lembra, estamos começando a percebê-lo em quase todos os lugares e, ao mesmo tempo, o estigma que o marca está ficando menor. "De certa forma", diz ela, "está um pouco na moda ser Asperger".

E, com quase 1 em 88 pessoas diagnosticadas hoje, está se tornando cada vez mais difícil ignorá-lo. Silberman o descreve como a "marca de nosso tempo."

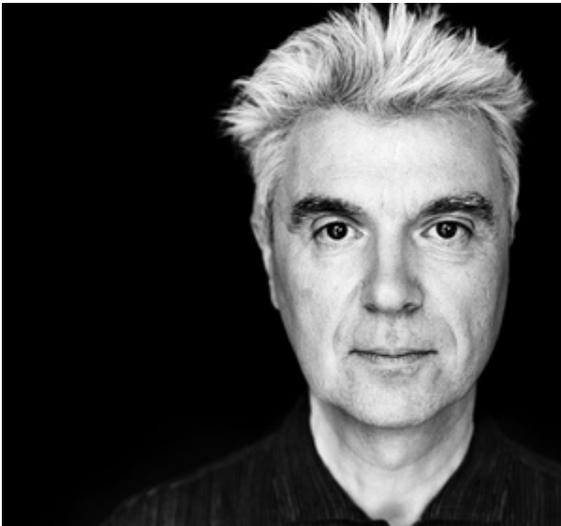


ASSOCIAÇÃO DE FAMILIARES E AMIGOS DA GENTE AUTISTA

Além disso, pode realmente acontecer de muitos não estarem diagnosticados. "É importante lembrar que quem foi diagnosticado faz parte de uma minoria em um campo muito amplo de pessoas de quem só se só falava em tom jocoso", diz ele. "Pode haver fenótipos autistas gerais, pessoas que têm traços mas provavelmente não têm nem procuram diagnóstico". Muitas dessas pessoas, observa Silberman, poderia receber apoio. "Isso não é nenhum tipo de gripe *yuppie*", acrescenta.

A estética autista

Os sinais do alcance do autismo estão começando a ser vistos em praticamente todos os lugares. Pessoas autistas estão impulsionando a criação de formas alternativas de expressão, novos negócios e instituições e tecnologias de ponta. "E não só fazem essas coisas confortável para si mesmos", observa Silberman, "elas são úteis para todos."



Silberman está certo. Uma rápida listagem de artistas reconhecidamente autistas ou que são suspeitos de o serem e que impactaram as artes e a cultura inclui figuras expressivas como Stanley Kubrick, Andy Warhol, David Byrne, Brian Eno, Satoshi Tajiri (criador dos Pokémon) e muitos outros. Suas contribuições tornaram-se parte indelével do espírito de nossa época.

Eles também estão marcando a mídia tecnológica, ou aquilo que Silberman chama de paisagem geek. Sites de entretenimento, como Wired e BoingBoing "são construídos para neurotípicos, mas servem à estética de pessoas autistas também."

Na verdade, não é segredo que crianças e adultos autistas são fascinados pela tecnologia – ficção científica, em particular. Tem sido quase sempre assim. Nos anos 1960 e 1970, foi a fixação em foguetes e em voar para a Lua que convenceu os pediatras de que havia algo de profundamente errado com essas crianças - que as suas extraterrestres e nada práticas obsessões eram sinais de um profundo mal-estar psicológico.

"Mas, rebobinando para hoje, é assim que somos verdadeiramente", observou Silberman.

Não dá para minimizar a importância da estética autista para a ascensão e popularidade da ficção científica e gêneros semelhantes. Seu elaborado universo tecnicamente preciso é um playground autista.

As pessoas autistas também estão mudando a maneira com que a arte e a cultura são apreciadas. Um bom exemplo são as chamadas apresentações sensoriais amigáveis de filmes e shows da Broadway. São apresentações especiais em que o som está baixo, as luzes estão acesas e as crianças são livres para correr (também deve ser um alívio para as pessoas com TDAH). Estes shows são incrivelmente populares e muitas vezes suas bilheterias estouram – uma indicação razoável de que neurotípicos também gostam.



A ascensão da "cultura fazedora"

Uma área em que as pessoas autistas estão causando impacto é a cultura fazedora (*maker culture*). "Muitos no espectro adoram desmontar e, em seguida, reconstruir, alterar ou *hackear* dispositivos mecânicos", afirma Silberman. Isso resultou em uma convergência de *geeks* e a popularização da cultura *tech*.

Um bom exemplo disto é John Elder Robison, autor de **Olhe nos meus olhos**. Robison é fascinado por computadores e dispositivos mecânicos. Depois de ter sido técnico de guitarras do Kiss, agora dirige uma loja de remodelagem de carros esportivos.

"O que se vê é que as crianças com autismo e Asperger amam essa cultura", comenta Silberman, "que brinca totalmente com as suas forças."

Kuszewski concorda. Recentemente ela mudou seu escritório para a Bay Area, em San Francisco, para trabalhar em um programa de educação baseado em um modelo de espaço *hacker* – e está chamando a atenção. Ao trabalhar com seus clientes, descobriu que são "realmente hiper" em um nicho específico, incluindo coisas como resistores, trens, Matemática, Estatística, Probabilidade e virtualmente qualquer técnica. "Eles têm esses interesses profundos", observa ela, "e viajam nele, é como se fosse seu mundo."

E o sentimento é contagiante. "Comecei a respeitar as pessoas que estavam mergulhadas em algo bizarro e técnico e completamente orgulhosas disso", conta Kuszewski. "Eu admirava como estavam tão dispostas a expor sua nerdeza obsessiva." Trabalhando com essas crianças, ela começou a achar difícil não se entusiasmar até mesmo com as coisas mais estranhas. "Você fica tão emocionado sobre essas pequenas coisas!"

Um rapaz que certamente se qualifica neste campo é Joey Hudy, de 15 anos, um talentoso jovem com TDA, TDAH e Asperger. Lutando na escola e encontrando dificuldade para fazer amigos, Hudy credita à cultura fazedora a mudança de sua vida.

"Agora tenho uma carreira que gosto", diz para a io9. "Sou inspirado por um monte de outras pessoas – e, agora, só *faço*." Ele nos conta como era só há um ano, sem nenhuma meta ou amigos. Desde a descoberta do movimento fazedor, se tornou mais autoconfiante e feliz. "Achei o lugar a que pertencço", afirma. "Todos os meus amigos fazedores são como uma família."

E desde que se envolveu na cultura fazedora, tudo tem dado certo para Joey. Recentemente retornou da Casa Branca, onde mostrou seu [Canhão de Marshmallow ao presidente Obama](#). Ele também lançou seu próprio kit de fabricação no mercado. E desenvolve seu talento para construção, programação, solda e projetos.

Perguntamos a Hudy o que pessoas que não têm autismo podem aprender com a cultura fazedora. "A mesma coisa que eu: tudo", diz ele.





ASSOCIAÇÃO DE FAMILIARES E AMIGOS DA GENTE AUTISTA

Hudy, como tantos outros garotos de sua idade, está encontrando uma forma de se adaptar a um mundo neurotípico e, de passagem, está ajudando a mudar a paisagem cultural global.

De fato, como Kuszewski nos diz, crianças como Hudy não tinham como conhecer outras pessoas como elas. "Agora, com a internet, podem formar esses clubes e grupos para compartilhamento online", diz ela. Perceber que não está sozinho e não ter que se esconder é gerar autoconfiança. E mais, não é apenas uma "coisa autista" – a capacidade de compartilhar informações altamente técnicas e não se sentir constrangido ou envergonhado por isso é começar a ser aceito pela maioria da população.

E estas subculturas estão entrando para o *mainstream*. Vejamos Burlington, da família McKay de Ontário, por exemplo. Em sua família de seis super-atletas (incluindo eles próprios), os pais Justine e Jason esforçavam-se para acomodar o filho Nathan, de dez anos, que tinha muito pouco interesse no esporte. Depois de chegar à conclusão de que Nathan gostava de mexer com engenhocas e aparelhos eletrônicos, matricularam-no em um programa de robótica. Inseguros no início, seus pais logo perceberam que não havia a necessidade de ter o estigma **nerds** pregado.

"Ebots ofereceu a Nathan um ambiente onde passou a ser parte de um grupo que compartilhava a mesma paixão pela robótica", conta Justine. Ela também começou a notar mudanças positivas em Nathan, como um genuíno entusiasmo para as aulas e uma nova confiança. "Isso faz ser inteligente uma coisa legal", diz ela. "Deu a Nathan um lugar para ser ele mesmo e se sentir bem com isso."

Comunicação pensativo a uma distância



Para um grupo de pessoas que supostamente sofrem de uma "desordem de comunicação social", autistas como Joey Hudy têm mostrado um grande desejo de ser social e compartilhar suas conquistas com os outros – pelo menos quando lhes são dadas as ferramentas certas.

Silberman observa que os dispositivos móveis, tablets e mensagens de texto tem se tornado tecnologias de apoio para pessoas não-neurotípicas – mesmo que sua aplicação não esteja limitada a um nicho específico. Estes são dispositivos baratos, de uso geral, perfeitamente adequadas para autistas e pessoas típicas. E o melhor de tudo, permitem que as pessoas autistas pensem antes de falar.

"Uma vez que neurotípicos usam esses dispositivos praticamente da mesma maneira, você acaba tendo uma cultura muito receptiva à forma como autistas preferem trabalhar", diz Silberman. "Uma cultura muito parecida com a que vemos agora. "



ASSOCIAÇÃO DE FAMILIARES E AMIGOS DA GENTE AUTISTA

Superstars de hoje



Mas talvez em nenhum outro lugar a influência das pessoas autistas seja tão sentida como no setor de tecnologia. "Assim, muitas *startups* (empresas iniciantes) e negócios são baseados em torno" dessas pessoas, observa Kuszewski.

De acordo com Ryan Tate, da Gawker, empreendedores notáveis do espectro incluem Mark Zuckerberg do Facebook, Craig Newmark da Craigslist, e Bram Cohen do Bittorrent. E, como [Tate ressalta](#), características autistas, como obsessão, prejuízo na interação social e falta de jeito podem ser benéficas no setor de tecnologia. É bem possível que essas "deficiências" estejam por trás de seu sucesso.

E esses empresários estão sendo celebrados como superstars e supermodelos. "Eles se tornaram muito bem aceitos, tipo super-heróis, ao invés de ser a pessoa que era abusada na escola", observou Kuszewski.

Uma força para a diversidade

A cultura moderna está claramente sendo definida e influenciada por nossa vontade de celebrar e aprender com aqueles que pensam e agem de forma diferente – um sinal claro de que a tolerância, acomodação e entendimento beneficia a todos.

Mas não apenas isso: a ascensão da cultura autista mostra o quão importante é ter modalidades psicológicas alternativas como parte da malha cultural. Numa época em que a globalização econômica e outros fatores ameaçam homogeneizar a cultura humana, é bom saber que as mentes diferentes ainda podem dar origem a novas idéias.

Imagem do cabeçalho: arkinnet.blog.

Imagens de: Steve Silberman e Kuszewski Andrea, [nymoviereviews](#), [TreeHugger](#), [TIME](#), [The Huffington Post](#), [michaeljlewis](#).

How Autism is Changing the World for Everybody

<http://io9.com/5928135/how-autism-is-changing-the-world-for-everybody>